



CIRCULAR S/N São Paulo, 21/08/85.

Companheiro (a)

Depois de ter refletido bastante sobre os trabalhos realizados junto ao movimento indígena no Brasil, antes de tudo, estou lhe agradecendo pela sua participação na nossa luta.

Desde que conheci o movimento indígena, os companheiros das Entidades de Apoio à Luta Indígena, os líderes e vários membros que tenho tido o prazer de conhecer e levar a mensagem desta luta sem medir esforços, achei necessário fazer um pequeno histórico do meu gosto e enviar-lhes como instrumento de reflexão em conjunto.

A minha preocupação pelo movimento indígena, de acordo com a experiência vivida na minha região e, sobretudo, no que diz respeito à "civilização nacional", também, pelo fato de minha convivência junto à sociedade envolvente, principalmente dentro da grande São Paulo e, pelas viagens que tenho feito pelo Brasil e pelo exterior, me faz ver o movimento indígena assim:

1. No Alto Rio Negro, AM, os missionários Salesianos formaram um movimento católico para perseguir as festas, as cerimônias religiosas e eliminar uma série de riqueza cultural do meu povo. Vi ex-alunos ao lado dos missionários, mas depois viraram como inimigos dos mesmos ou simplesmente não lhes obedeceram em suas doutrinas. Fui descobrir os erros dos missionários em 1974, quando estudava em Manaus, e ainda pensando em ser "missionário".

2. Depois de certos desentendimentos e de experiência local nas organizações do movimento, saí de São Gabriel da Cachoeira em 1978, e pensava em estudar e pensava que não mais encontraria tantos índios fora de minha região. Pensei que ia encontrar todos os povos não-indígenas e que, certamente, assimilaria rápido os seus costumes. Tive que deixar os estudos por mais uma vez, porque me encontrei com mais índios, talvez mais necessitados de uma defesa do que eu.

3. Em 1979, comecei a andar e participar das Assembléias Indígenas que o CIMI patrocinava. Tenho lido o Porantim, e, obviamente deixando os livros de lado. Conheço dezenas e dezenas de líderes de diversas tribos. Também tenho conhecido diversos missionários, os antropólogos e indigenistas, muitos funcionários da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

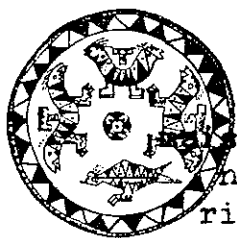
4. Muitas lideranças sumiram ultimamente, porque não participam mais ativamente do nosso movimento, não têm mais força diante da FUNAI ou de outras tentações. Dos índios, que sempre atuaram na linha de frente contra a FUNAI, de todos os companheiros que conversaram comigo, eu sei como eles estão atualmente e onde vivem.

Também, muitos companheiros não-índios, tiveram que abandonar essa luta por outros motivos mais dependentes. É aqui que começa a FOFOCA.

PUBLICAÇÕES - REGIONAL SUL RUA MINISTRO GODOY, 1484 - CEP. 05015 - PERDIZES - TEL. 92-4246

01





PUBLICAÇÕES - REGIONAL SUL RUA MINISTRO GODOY, 1484 - CEP. 05015 - PERDIZES - TEL. 02-4246
 UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS - UNI / NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA - NCI / COORDENADORIA DE

Tenho participado da UNI, desde abril de 1981, em São Paulo, quando fui eleito Vice-Presidente deste movimento. Os membros de nossa diretoria não assumiram e nem foram fiéis a nossa luta. Refiro-me ao Marcos Terena, ao Lino Cordeiro, ao Mário Juruna, ao Hibes Menino e, sobretudo, a todos os indígenas empregados na FUNAI que, na hora "H" nunca assumem a briga. Não foge disso, o Sr. Domingos Veríssimo, também, o cacique Aniceto.

A confusão dos Terena, do Domingos e do Marcos Terena, durou um ano. Somente com o apoio da ANAI - BA, em abril de 1982, tivemos que discutir juntos. Eramos eu, Marcos Terena e Lino Cordeiro. Isso foi na cidade de São Salvador.

Ainda, nesse mesmo ano, em 1982, organizei em Brasília - DF, o Primeiro Encontro Nacional dos Povos Indígenas, trabalho que durou mais de sessenta dias. Todas as Entidades de Apoio à Luta Indígena participaram desse encontro, principalmente o CTI contribuindo com as passagens e alimentação dos líderes indígenas.

Infelizmente, o Cimi não quis dar sua opinião sobre esta reunião, isto é, se omitiu de quase todos os assuntos por motivos de problemas existentes entre as entidades.

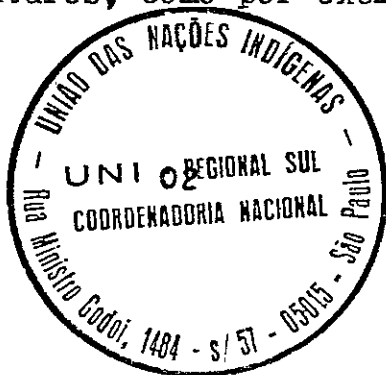
Por falta de uma conjugação dos índios e das entidades, houve de fato a manipulação da FUNAI, onde o Marcos Terena foi o cúmplice.

Dois anos depois organizamos o IIº Encontro Nacional dos Povos Indígenas. Dessa vez, com mais experiência e autonomia em busca de organização indígena no Brasil. A nossa sorte foi a não dispersão de forças indígenas, pois todos lutamos para derrubar o Presidente da FUNAI, o Dr. Otávio Ferreira Lima. Também, mais uma vez, fui um dos coordenadores desse encontro com tanta gente. O Ailton Krenak foi uma das pessoas que articulou a reunião junto com os amigos de Brasília, ligados à questão indígena.

Como resultado desse encontro, formamos um conselho de 46 membros coordenadores da UNI - União das Nações Indígenas. Todas as entidades de apoio participaram e, por isso, foi positivo. Também, muitos deputados da Comissão do Índio, no Congresso Nacional, fizeram pronunciamento a favor do índio, onde o mais destacado foi o Deputado Mário Juruna, por ser índio.

O militante mais ativo do movimento indígena até o final de 1982 sempre fui eu, porque o Marcos Terena e outros estudantes sempre ficaram pendurados às custas da FUNAI ou seja, subordinados aos coronéis. Foi por esse motivo que, depois de um longo prazo de trabalho e com compromisso na luta indígena, eu e Ailton Krenak organizamos e participamos mais das Assembléias Indígenas de quase todo o país. Tivemos que percorrer o sertão da Bahia, Minas Gerais, o Centro-Oeste, o Acre, o Amazonas, Roraima e outros lugares através de nossos companheiros que assumiram a luta.

Eu e Ailton Krenak, sem dúvida, temos conversado mais ^{com} líderes indígenas e as pessoas das entidades, temos participado da imprensa, das palestras, dos simpósios e de contatos políticos com alguns parlamentares, como por exemplo, o Deputado Márcio Santilli - PMDB - SP.





Também, conhecemos mais as pessoas das entidades sediadas em São Paulo, isto é, temos discutido e fortalecido o empoderamento de novos líderes do movimento.

A UNI - União das Nações Indígenas, funcionou à nível nacional através da gente, pois os demais companheiros não encontraram um espaço tão fácil de comunicação como em São Paulo.

A UNI deve muito ao trabalho e ao assessoramento da Comissão Pró-Índio de São Paulo, porque tivemos que utilizar o espaço físico e os materiais de escritório, inclusive o telefone, porque junto com as outras entidades espalhadas pelo Brasil, a UNI nunca teve espaço de trabalho.

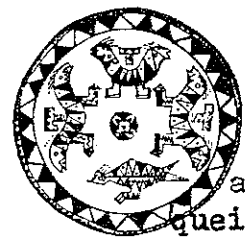
Eu, sou mais grato ao Sr. Carlos Alberto Ricardo, pois, em horas difíceis, sempre nos ajudou e sempre nos procurou para ajudar nesta luta. Quanto aos demais companheiros que acompanharam a nossa luta, também sou grato.

O nosso trabalho não ficou parou por aqui, pois tivemos que participar dos encontros internacionais para aprender e colaborar na organização indígena de cada Estado.

Por motivo de coordenação difícil em relação ao movimento indígena, algumas viagens foram inúteis, porque nunca foram divulgadas. Por exemplo, o Sr. Domingos Veríssimo fez viagens a Lima, a Bogotá e a Genebra que até hoje não foram contadas e nem sabemos quem financiou suas passagens. Em 1980, o Marcos Terena e o Aritana estiveram no México, também, não foi contada. O Marcos Terena esteve na Líbia, não ouvimos nada. Soubemos pelo jornal que este teria encontrado uma diferença muito grande entre a riqueza do Brasil e da pobreza da Líbia.

Eu, de minha parte, estive em novembro de 1980 participando do IV Tribunal Bertrand Russell, na Holanda. Em 1981, entre 27 a 30 de junho, estive participando do Iº Encontro da Comissão Técnica sobre o Pacto da Bacia Amazônica, em Puyo, Equador. Estive em 1982, 1983, 1984 em Lima - Peru, para conhecer diferentes organizações indígenas e, em conjunto, para defender a Amazônia contra a espoliação de terras indígenas. Em 1983 e 1984, estive em Quito e Lima tratando dos mesmo assuntos. Em 1983, de oito a onze de março, estive em Puerto Ayacucho - Venezuela, para participar do IIº Encontro da Comissão Técnica do Pacto Amazônico, onde não tivemos acordo comum entre índios e brancos, pois antropólogos do Instituto Indigenista Interamericano queriam nos manipular como seus instrumentos de trabalho. No fim de julho e no começo de agosto do anos passado estive em Genebra, para participar do Grupo de Trabalho na Sub-Comissão de Direitos Humanos sobre as Questões Indígenas. Comigo foi o Dico Sateré, representando a UNI pela Amazônia, e eu pela UNI-Nacional. De 23 de julho a 04 de agosto do corrente ano, estive novamente em Genebra para participar de outra etapa de trabalho na Sub-Comissão de Direitos Humanos, na ONU.





Pelas experiências que tive e como tenho conversa do com diversos líderes de outros países, expus estes dados aos companheiros do movimento nas assembléias e sempre busquei em conjunto uma orientação para nosso trabalho, no Brasil.

Em se tratando mais da Amazônia, durante os anos de 1984 e 1985, nós, as lideranças indígenas dos países do Pacto Amazônico, exigimos na ONU o direito de sermos uma Organização Indígena Não-Governamental, termos a voz e o voto nos assuntos de discussão mais profundos nos Encontros Internacionais.

5 -) Eu e Ailton e outros companheiros que são testemunhas de nossa luta, de 1983 até maio de 1985, tivemos que seguir o movimento no peito. Quando convidados, de acordo com as exigências de problemas agudos de questões fundiárias nas comunidades indígenas, tivemos que percorrer o Brasil sem medir esforços e enfrentar até mesmo mortes. Quanto mais fazíamos mais tínhamos que fazer; queríamos dividir o trabalho, mas ao contrário, tudo veio em cima de nossas costas: muitas viagens e reuniões.

O nosso trabalho e a sobrevivência tem sido duros no meio de tantas confusões. Viajamos muito de ônibus e de avião, mas não foi com nosso dinheiro ou por favores da FUNAI. A FUNAI, até hoje, não fez nenhuma reunião para fortalecer o movimento indígena, a não ser, quando quer se manter através de seus funcionários.

Fizemos muitas viagens, porque quem fazia o convite é que pagava as nossas passagens, isto é, pessoas à luta indígena. Assim foi no Brasil e no exterior. Por exemplo, na viagem que Ailton Krenak, Biraci Brasil e José Apolônio fizeram ao Panamá no ano passado, para participar do IV Encontro Mundial dos Povos Indígenas, e a última que fizemos a Genebra, quando representamos a UNI, foram nossos companheiros de luta do exterior que pagaram as nossas passagens.

Creio que esse tipo de trabalho, em vista de outras pessoas da FUNAI, e de quem não gosta de luta indígena, parece mais como se fosse uma vida boa. Mas não é assim que funciona o nosso trabalho. Por exemplo, desde que cheguei pensava em estudar e trabalhar. Isso não aconteceu. Tudo ficou para trás. Depois de algum tempo, com a assessoria do BETO e do Grupo de Missionários Evangélicos, consegui, em junho do ano passado, uma Bolsa de Estudo. Era de seis mil dólares e usei-a uma vez, e logo acabei viajando com ela para Genebra. Aliás, eu e Dico Sa teré gastamos essa bolsa. Depois, nesse ano, eu, Rosa e Ailton, vendo apertar o cinto fizemos o acordo para descolar da Solidiedade uns 260 dólares por mês. Funcionou só em fevereiro e março. De lá para cá fiquei na de sempre - duro.

Ainda, para quem está na luta dentro de uma estrutura de trabalho, creio que compensa. Vou dar três exemplos que conheço muito bem:

PUBLICAÇÕES - REGIONAL SUL RUA MINISTRO GODOY, 1484 - CEP. 05015 - PERDIZES - TEL. 62-4248
 UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS - UNI / NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA - NCI / COORDENADORIA DE



a -) **FUNCIÓARIOS DA FUNAI:** Dizem que estão ajudando e defendendo os índios e não demarcam as nossas terras. Todos recebem dinheiro do Ministério do Interior, além de gozar de mordomias nos hotéis, nos aviões, e do prestígio de terem um emprego como esse. Isso, sem contar com desvio de dinheiro, de arrendamentos de terras e de abusar da FUNAI para sobreviverem às custas do índio. Estas pessoas não defendem o índio. Ao invés de defender dão emprego e calam a boca dos índios. Conheço muitos índios e brancos da FUNAI que, sem esse órgão, não são capazes de encontrar outros empregos. Como por exemplo, o delegado da 1ª Delegacia Regional da FUNAI de Manaus que me disse, não saber outra coisa, a não ser indigenista de "carreira". Sobre a UNI, ele disse que não existe e que não representa nada de interesses indígenas, mas de classes agitadores para provocar confusão e guerra nas comunidades indígenas que têm a paz.

Perguntei-lhe imediatamente se o índio era um objeto para se fazer carreira e se os sofrimentos dos índios era sinônimo. Então, que tipo de paz? O Sebastião Amâncio ficou bravo comigo e tivemos muita discussão e, enfim, acabei comandando uma invasão na delegacia.

b -) A maioria das pessoas das Entidades de Apoio à Luta Indígena, pelo que tenho observado, são professores e, não passam momentos tão apertados. Não digo isso para desafiar os companheiros, mas o que tem acontecido conosco e como acontece, não está escrito.

c -) No exterior fiz contatos para analisar os trabalhos e funcionamentos das organizações indígenas. Realmente, pela experiência maior e por serem maioria, eles têm estruturas econômicas muito diferente da UNI. Evidentemente, as necessidades não são agudas e funcionam normalmente.

6 -) As nossas viagens foram custosas e de muito sacrifício e nos ausentamos muitas vezes de São Paulo para ajudar os nossos irmãos. A sede da Comissão Pró-Índio de São Paulo tem sido o ponto de encontro de índios. Ali tivemos que discutir com as lideranças indígenas que venham a São Paulo, e estes sempre nos procuraram para trocar idéias e levar as mensagens da UNI para suas aldeias.

A nossa convivência com a CPI-SP, nos ensinou bastante coisa em relação à questão indígena. Aumentou a nossa preocupação e conosco sempre esteve Sra Rosa Penna, e foi testemunha de toda atividade da UNI.

Com o crescimento de nosso movimento, muitas vezes tivemos que discutir mais sério e participamos das reuniões das entidades. A UNI e CPI-SP, juntos, fizemos uma projeção política nacional e internacional. Sempre tivemos contatos com a maioria das pessoas das entidades. Os grandes simpósios, as grandes as -



sembléias indígenas, as negociações políticas e casos graves, fomos nós que lideramos juntos.

A UNI nunca foi um movimento separado, mas uma questão da sociedade brasileira e, por isso, conquistou seu espaço político a nível nacional, graças à imprensa. O nosso espaço custou caríssimo, porque tivemos que perder grandes lideranças, como por exemplo, o Mançal de Souza e outros que levaram tiros e que vivem paralisados nos dias de hoje. Outros são torturados e mortos na prisão pela Polícia Militar em Tocantinópolis, no Estado de Goiás.

Além do mais, nas invasões dos índios para ocupar as delegacias da FUNAI, para prender os fazendeiros e funcionários da FUNAI, e outros conflitos, eu e Ailton Krenak seguramos essas crises com muita energia e cautela para evitar o derramamento de sangue. Todas essas orientações e informações foram por telefone, por cartas, por telegramas para pressionar a FUNAI e outras autoridades do governo para soluções dos problemas indígenas.

7 -) Por outro lado, a UNI sempre foi alvo de críticas de algumas pessoas das entidades, e mesmo de alguns índios vinculados à FUNAI.

Alguns brancos dizem que a UNI não existe, e que é composta de pessoas loucas que vivem na cidade e que perderam suas raízes. Outros dizem que a UNI não tem moral, porque não está nas bases e que não é registrada. Eu poderia dizer os nomes dessas pessoas, mas entendo que é desnecessário.

Da parte dos índios a UNI é criticada da seguinte maneira:

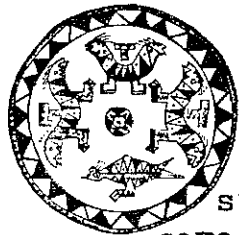
a -) MÁRIO JURUNA - A UNI não existe. A UNI não demarca as terras indígenas. UNI não tem dinheiro e não briga com Ministros. A UNI não conhece Serviço Nacional de Informação. A UNI não manda na FUNAI. A UNI não tem responsabilidade e não entende de índio...

b -) ANICETO - " Olha Alvaro, a UNI não tem dinheiro. Vocês não podem ir contra a FUNAI, porque o Dr Gerson vai ajudar todos os índios do Brasil. A UNI não é dos índios, mas das entidades que recebem o dólar do exterior".

c -) INDIOS FUNCIONÁRIOS - A UNI não tem critério para coordenar e representar o governo. Os índios devem participar do governo, por isso, a FUNAI é dos índios.

d -) INDIOS MANIPULADOS - A UNI não está nas bases. Os líderes da UNI são novos e elitistas, e só estão usufruindo do nome. A UNI deveria apoiar a FUNAI, fazer projetos e não fazer críticas e denúncias que não trazem nenhum benefício para as comunidades.





8 -)

Para enfrentar essas críticas não é mole. Alguns índios pensam que a UNI é para dar assistência e substituir a FUNAI. Por esses motivos, a UNI ficou parecendo como se fosse uma agência de empregos, o que não é verdade. Explicamos isso aos companheiros várias vezes, uns entenderam e outros ficam desconfiados.

Os trabalhos que temos realizados nas cidades e nos campos ficou parecendo de poucas pessoas, e que não é de base, e surgem outros conceitos e críticas sobre a UNI.

De fato, somos poucos, mas capazes de destruir a FUNAI a qualquer momento, desde que, todos os nossos companheiros tenham consciência de seu futuro. Realmente, quem sustenta ou participa da UNI parecem loucos, porque a FUNAI é mais louca e burra para responder ao destino de nossos povos, isto é, entendemos que a nossa vida está em nossas mãos, e não em mãos de funcionários. Por esta razão, por não termos dado atenção à FUNAI é que somos criticados.

Tivemos que sustentar essa briga assim, porque os índios que estão nas aldeias não têm a mesma facilidade de acesso na imprensa e outros meios de comunicação. Também, muitos caciques não têm a mesma linguagem de branco malicioso, como por exemplo, a dos advogados da FUNAI que não funcionam para processar os criminosos que mataram os nossos líderes.

A nossa ausência nas bases tinha que ser assim, porque não somos como o Sol que brilha para o mundo todo.

Creio que as exigências de nossos companheiros não condizem com nossa realidade, isto é, não podemos dar resposta para o que é impossível. O importante fizemos - segurar e articular a UNI. Todos os fatos foram registrados na História da UNI como, por exemplo, um filme que está em montagem. O CEDI tem muita documentação sobre os índios, também o CIMI e outras entidades. Quem não acreditar é só pegar e ver.

9 -)

A História da UNI não parou; como exemplo, durante o último encontro de lideranças indígenas, de 9 a 12 de junho do corrente ano, todos os coordenadores regionais da UNI foram reconhecidos em assembleia, eu fui indicado para assumir a coordenação nacional e o Ailton Krenak para coordenação de publicações da UNI - Nacional.

Devido ao trabalho intenso e à exigência política do ESTADO, ainda não conseguimos superar o acúmulo de papéis na UNI, principalmente nas publicações.

Em breve discutirei com alguns líderes e coordenadores regionais da UNI para convocar a assembleia extraordinária em algum local de consenso.





O objetivo do encontro será de avaliar os trabalhos desenvolvidos nas áreas, na ONU e no Canadá. Outra pauta será sobre a Constituinte e, por isso, vamos chamar as pessoas das entidades que formam o Grupo de Trabalho sobre esse assunto; também, os advogados que foram à Genebra para explicar sobre os trabalhos realizados na ONU. Creio que esse encontro será importante, pois teremos uma linha de ação no contexto do programa da UNI.

O reconhecimento da existência de um Movimento Indígena organizado tem sido fator da maior resistência, tanto da parte dos nossos 'aliados' como dos inimigos como Funai. Mas para negar nossa organização é preciso passar por cima do Conselho Indígena, das Coordenadorias Regionais, além do mais novo organismo do Movimento Indígena: O Conselho Indígena do Norte de Goiás, que reúne 4 povos daquela região - Krahó, Apinajé, Xerente e Karajá de Xambioá e Santana do Araguaia, que indica como um dos seus objetivos a representação dos povos daquela região dentro do Movimento Indígena e diante da UNI.

Em anexo estão as conclusões da última reunião da Coordenação da UNI, onde foram confirmadas as Coordenadorias e novas indicações para o Conselho Indígena, também o documento do Conselho Indígena do Norte de Goiás.

10 -) Sem fugir do assunto, de minha parte, creio que devo me afastar um pouco do Brasil. Estou pretendendo estudar línguas para compreender a luta de outros povos indígenas e assessorar melhor o movimento indígena no Brasil. Percebi esta necessidade nos encontros que participei e não pude conversar bem com outros líderes indígenas, e com os brancos solidários à questão indígena.

No encontro de lideranças indígenas, terei que dar satisfação aos coordenadores regionais da UNI e nomear em assembleia outro coordenador nacional.

Para ser franco, já falei sobre esta preocupação com Ailton Krenak, com Beto e outros companheiros imediatos. Também, para aproveitar da presença do Dr Rene Fuerst, em São Paulo, o Presidente do IWGIA, já conversei sobre esse assunto. Dele recebi orientações animadoras, e espero que dê tudo certo. Fiz contato com o Secretariado Internacional de IWGIA (Andrew Gray) por telefone, e fui bem aceito. Portanto, dentro de alguns dias farei um pedido formal ao IWGIA para solicitar uma BOLSA DE ESTUDO.

11 -) Na condição de Coordenador Nacional da UNI, estou convidando a V.Sa. para uma reunião extraordinária na sede da UNI, no dia 26, às 17:00 hs. O nosso convidado especial é o Dr. Rene Fuerst, DD Presidente do IWGIA, pois vamos comunicar a V. Sa, que vamos registrar o Núcleo de Cultura da UNI e o Projeto de Infraestrutura; a manutenção de duas pessoas da UNI-Sul que, devido à estratégia política do Brasil, sempre coordenou o movimento indígena; de uma secretária da UNI que tenha conhecimento e esteja a par dos critérios políticos e de uma suplente com os mesmos requisitos.

Alvaro Fernandes Sampaio
 Alvaro Fernandes Sampaio - Tukano
 Coordenador Nacional da UNI

Ailton Alves Lacerda
 Ailton Alves Lacerda - Krenak
 Coordenador Nacional de Publ.

PUBLICAÇÕES - REGIONAL SUL RUA MINISTRO GODOY, 1484 - CEP. 05015 - PERDIZES - TEL. 62-4246
 UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS - UNI / NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA - NCI / COORDENADORIA DE